

Artigo recebido em:
29.10.2019

Aprovado em:
20.04.2020

Sônia Caldas Pessoa

Professora do Departamento de Comunicação e do PPGCOM/UFMG.

Doutora em Estudos Linguísticos (Poslin/UFMG).

E-mail: soniacaldaspessoa@gmail.com

Matheus Henrique da Silva Salvino

Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da mesma universidade, bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

E-mail: mat.salvino@gmail.com

Podcast, acessibilidade afetiva e inclusão: introvertendo movimentos sonoros e de afetação

Sônia Caldas Pessoa

Matheus Henrique da Silva Salvino

Resumo

Refletir sobre a produção de podcast por pessoas em situação de deficiência, em especial do espectro autista, é um dos objetivos deste artigo. Incursionamos no universo do podcast ancorados na Teoria dos Afetos para discutir como os circuitos de afecção dos modos de existência de pessoas com Síndrome de Asperger impulsionam o debate sobre os desafios cotidianos de grupos considerados “diferentes” se tomados a partir de modelos normativos de ser e estar no mundo. Se, nas produções radiofônicas de emissoras comerciais ainda é reduzido o espaço para a representatividade de autistas, o podcast seria um locus importante para eles, que reivindicam falar por si e sobre si, sem a mediação de outros produtores. Estabelecemos um diálogo com *Introvertendo*, um podcast de pessoas com Síndrome de Asperger, ou seja, dentro do espectro autista, que debate sobre suas vidas e temas diversos, e estabelece relações com uma acessibilidade afetiva.

Palavras-chave: Podcast. Inclusão. Autismo.

Podcast, affective accessibility and inclusion: introverting movements of sounds and affects

Abstract

Thinking about a *podcast* production by people with disabilities, in particular of the autistic spectrum, is one of the objectives of this article. Raiding in *podcast* universe anchored in the Theory of Affections to discuss how the affections circuits of modes of existence people with Asperger's Syndrome drives the debate about the daily challenges of groups considered 'differents' if taken from normative models of being in the world. If, in the radio productions of commercial broadcasters, the space for autistic representation is still limited, *podcasting* would be an important locus for them, who claim to speak for themselves and about themselves without the mediation of other producers. We established a dialogue with "*Introvertendo*", a *podcast* of people with Asperger's Syndrome, in other words, within the autistic spectrum, debating about their lives and diverse themes, and establishing relationships with an affective accessibility.

Key words: Podcast. Inclusion. Autism.

¹Termo coloquial usado pela equipe de *Introvertendo* em referência à pessoa que vive com a Síndrome de Asperger.

Muitas são as provocações para a escrita deste texto, que sistematiza parte da nossa pesquisa sobre as experiências de pessoas em situação de vulnerabilidade narradas e discutidas por elas mesmas. A primeira delas está na nossa convicção sobre a importância de tentar compreender, a partir da fala destes sujeitos, os modos como desejam ser percebidos pelos demais. Não se trata de desejarem ser representados, mas diz de uma reivindicação de garantir uma visibilidade almejada, ou seja, construída por eles a partir de seus próprios argumentos e visões de mundo, e falada, por mais pleonástico que pareça, com suas próprias vozes. Uma segunda provocação é nos lançar em um diálogo, na tentativa de não estabelecer uma análise sobre o *podcast Introvertendo*, mas de articular cenários, perspectivas e reflexões sobre produção em áudio, voz, deficiência e atravessamentos possíveis, que são centrais nos circuitos de afetos que emergem nestas relações e que nos provocam a todos. A nós, parecem nos convidar, para nos despir de noções arraigadas, pensamentos concebidos em construtos que nos prendem espaço-temporalmente em práticas sociais e discursivas que não deveriam ter mais lugar na sociedade contemporânea. Para tal, escolhemos discutir o *podcast* a partir de relações que nos afetam, a sua proximidade com o rádio e a vinculação do humano à voz, apresentar noções teórico-conceituais sobre a Síndrome de Asperger, a partir dos estudos sobre deficiência e mídia para, então, encontrar pistas sobre os modos como os “aspies”¹ do *Introvertendo* negociam com as tensões entre as próprias experiências e a vida cotidiana em um *podcast*, operador importante no circuito de afetos. Quando dizemos das nossas próprias afetações em contato com aquilo para o qual olhamos, queremos dizer, especialmente, de uma experiência metodológica que privilegia um mergulho sensível – e não somente um olhar frio e distante – naquilo que pretendemos apreender, afetando-nos e, posteriormente, lançando-nos a um movimento de flexibilidade, que evidencia e problematiza relações (MENDONÇA; MORICEAU, 2018). Convidamos o leitor para um começo, pelo *podcast*.

A associação quase imediata que se costuma fazer entre rádio e *podcast* nos provocou a promover um recuo no tempo, se não para estabelecer comparações, mas com o intuito de relembrar algumas peculiaridades do rádio, que nos parecem afeitas ao fenômeno recente que conquista, cada vez mais, espaço em ambientes digitais. Esse *déjà vu* nos conduziria a cenários conhecidos e estudados sobre o rádio por grandes pensadores da área da Comunicação e nos proporcionaria pistas para o acolhimento do *podcast* como fenômeno que nos parece reviver a importância do áudio nas produções midiáticas não só do ponto de vista de quem as produz em organizações estruturadas financeiramente, mas também de pessoas comuns que se dedicam a lançar mão desse recurso para dar visibilidade a algumas causas e grupos em situação de vulnerabilidade. Se os afetos são fundamentais para as escolhas temáticas produtivas e de escuta dos *podcasts*, também o são na relação de proximidade com o áudio e, em especial, com a voz.

As metáforas, para além de figura de linguagem das mais conhecidas, podem nos influenciar em nossos afetos e relações cotidianas. Lakoff e Johnson (2002) cunharam a expressão “metáforas da vida cotidiana” na tentativa de compreender como as metáforas podem estar em intensa relação e até mesmo colaborar para constituir nossos pensamentos e emoções. Nas trilhas dos escritos dos autores, propomos um exercício com a metáfora conceitual “instrumento é companheiro”, de Lakoff e Johnson (2002, p. 229). Se as crianças se apegam a seus brinquedos e equipamentos eletrônicos, e os tornam parte da sua vida, levando-os para a escola, a casa de parentes e amigos e até atribuindo-lhes nomes, os adultos, em alguns casos, mantêm relação de proximidade com alguns objetos (PESSOA, 2004, p. 04), como descreveu, em elegante e poético comentário, o dramaturgo alemão Bertold Brecht:

Pequena caixinha que carreguei em fuga para que suas válvulas não pifassem, que levei de casa para o navio e o trem para que os meus inimigos continuassem a falar-me perto de minha

cama, e para minha angústia, as últimas palavras da noite e as primeiras da manhã sobre suas vitórias e sobre meus problemas. - Prometa-me não ficar muda de repente (apud McLuhan, 1969, p. 335).

Se o apego de Brecht ao rádio, em uma de suas traduções possíveis para os escritos no exílio, nos parece uma questão visceral, de sobrevivência, nos remete também ao poder de interação que o dramaturgo alemão atribuía ao rádio, capaz de “dizer tudo a todos”. Relembrando outro pesquisador dos estudos comunicacionais, que se dedicou ao rádio, retomamos McLuhan (1969, p. 336), que considerou que o rádio tem forte poder de afetação sobre os cidadãos: “O rádio afeta as pessoas, digamos, como que pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio”.

O mundo descrito por McLuhan seria um mundo possível de comunicação e de interação cuja centralidade está na voz. Apesar da tecnologia e das inúmeras possibilidades de se produzir áudio em ambientes digitais atualmente, análoga e intencionalmente, buscamos nos clássicos interpretações possíveis para o encantamento com a voz, aquela que provoca afetações nos ouvintes seja no rádio ou na versão contemporânea mais conhecida de produção em áudio, o *podcast*. A voz humana, como fio condutor desta relação, alimenta uma das principais características do rádio, a proximidade com os ouvintes. Por meio de linguagem coloquial de apresentadores e produtores radiofônicos é possível que o ouvinte se sinta como em uma conversa da qual ele é parte importante. Se não pode interagir imediatamente, em tempo real, pode, no mínimo, se colocar em um local de escuta privilegiada, no qual o interlocutor estaria se dirigindo diretamente a ele, falando com ele, se abrindo em seus pensamentos, opiniões e até mesmo confissões. “Ouvir é um fenômeno fisiológico; escutar é um ato psicológico”, resume Barthes (1990, p. 217).

Navegando nas ondas sonoras das duas últimas décadas deste século, acompanhamos a ascensão dos *podcasts* que, desde que ganharam nome em 2004 e se tornaram a palavra do ano em 2005, sendo uma das estrelas do dicionário *New Oxford American* no ano seguinte, configuram fenômeno sobre o qual tem se debruçado parte dos estudiosos de rádio. No dicionário, o verbete surgiu para nomear pacote de arquivo multimídia na internet, que pode ser reproduzido em computadores ou dispositivos móveis. Essa definição inicial estava claramente vinculada à música, tendo em vista que o nome promoveu o elo entre *Ipod*, *media player* portátil fabricado pela *Apple*, que já foi marca registrada de quem aprecia música e tem o hábito de ouvi-la com frequência em qualquer lugar, e *broadcasting*, que comporta transmissão e radiodifusão, entre outros significados associados em língua portuguesa. *Podcasting* costuma ser definido, entre outros modos, como “modalidade de radiofonia sob demanda, assíncrona, que vai além da oferta de conteúdos em websites e emissoras” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 68).

Os *podcasts* musicais ou sobre músicas, comuns nos primeiros anos, foram, aos poucos, dividindo os ambientes digitais com produções diversificadas tanto do ponto de vista do conteúdo quanto dos recursos sonoros. Parece-nos que o apreço dos brasileiros pelo rádio, o “companheiro de todas as horas”, se aplica também ao *podcast* se levarmos em consideração os dados de pesquisa recente, que contribui para nos dar elementos que contribuem para conhecer melhor este universo.

A *Volt Data Lab*, que se apresenta como uma agência de pesquisas, análises e estudos orientados por dados no setor de mídia e comunicação, extraiu dados públicos no site *Pocket Casts*, um dos principais agregadores mundiais de *podcasts*, reunindo as informações em dois grandes grupos de dados: um com os 100 principais *podcasts* brasileiros e outro com os 100 principais *podcasts* dos Estados Unidos. Para tal, foram considerados programas de áudio com mais de três minutos de duração, o que exclui *teasers*, *trailers* e avisos sonoros. Segundo a agência, a produção dos 100 principais *podcasts* brasileiros cresceu em 200 vezes desde 2005, ultrapassando 3.400 episódios publicados em 2018. Já os 100

principais *podcasts* nos EUA produziram cerca de 5.800 episódios no mesmo ano. Esses mapeamentos, realizados em 2019, indicam, do ponto de vista quantitativo, que a produção de *podcasts* cresce no Brasil seguindo tendência de outros países. Na Espanha, por exemplo, 39% dos internautas consumiram *podcasts* no primeiro triênio de 2019, ao passo em que, para o público menor que 35 anos, a porcentagem sobe para 62% dos usuários (MARTINEZ-COSTA PÉREZ & GÁRANTE, 2019).

Nesse cenário, nos interessam tipos específicos de produção sonora: aquelas feitas por pessoas comuns, que se dedicam a abordar temáticas que as afetam em seu cotidiano, e que encontram no *podcast* modos de representarem a si mesmas e de desconstruir determinados estereótipos que circulam socialmente e que também afetam as suas existências. Como esses *podcasts* dialogam com outras pessoas comuns? Voltamos, assim, a nossa escuta para o *podcast* *Introvertendo*, produzido por jovens cujo diagnóstico indicam Síndrome de Asperger. Antes, porém, de abordarmos o *podcast*, convidamos os leitores para breves reflexões sobre a síndrome.

Diagnósticos e estereótipos

A Lei N° 12.764, de 27 de dezembro de 2012, institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista. De acordo com a legislação, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela diagnosticada com síndrome clínica caracterizada, entre outros, por

deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento (BRASIL, 2012).

A lei destaca ainda os padrões restritivos e repetitivos de comportamentos bem como de interesses e atividades, que se manifestariam por comportamentos estereotipados verbais, motores ou sensoriais incomuns, além de excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. Em suma, do ponto de vista jurídico, a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência.

Solomon (2013) alerta sobre os desafios para definir o que é autismo e afirma que ainda não somos capazes de nos aproximar de uma conceituação que dê conta da complexidade que está em seu entorno.

Os principais sintomas, que podem se apresentar, ou não em qualquer constelação em qualquer indivíduo com autismo, são a falta ou atraso na fala, comunicação não verbal deficiente, movimento repetitivo, inclusive agitação dos braços e outros comportamentos autoestimulantes; contato visual mínimo; pouco interesse por amizades; falta de brincadeiras espontâneas ou imaginativas, empatia, insight e sociabilidade prejudicados; capacidade de reciprocidade emocional reduzida; rigidez; interesses altamente focados; fascínio por objetos como rodas girando e coisas brilhantes. Crianças e adultos autistas em geral pensam de maneira extremamente concreta e podem ter dificuldade para entender a metáfora, o humor, a ironia e o sarcasmo. Tendem ao comportamento obsessivo, estereotipado, apegando-se a objetos aparentemente aleatórios, dispendo os brinquedos pelo tamanho ou cor em vez de brincar com eles. (SOLOMON, 2013, p. 265).

Para além das definições legais e dos diagnósticos, mas também relacionadas a eles, localizam-se as práticas discursivas que, comumente, associam o uso de determinadas expressões relacionadas a síndromes e/ou deficiências a ofensas e efeitos de sentido pejorativos. Essas práticas são reforçadas em parte da literatura e dos dicionários, que compilariam arranjos e organizações constituídos nas relações sociais. Amossy (2011) nos lembra que os estereótipos estariam no campo de representações coletivas cristalizadas, construções de leituras cotidianas nas quais os sujeitos recuperariam, nas práticas discursivas, elementos dispersos em lacunas nas práticas sociais.

Juntos, esses elementos propiciam a sua imersão e cristalização em função de modelos socioculturais. “Caráter e corporalidade do fiador apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apóia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar”, afirma Maingueneau (2009, p. 72).

Por um lado, o estereótipo depende do julgamento de um sujeito e, por isso, costuma ser associado a uma não-verdade, o que acentua o seu aspecto negativo. Por outro lado, devemos levar em consideração que as caracterizações que ajudam a compor um estereótipo estão relacionadas a um grupo ou a grupos sociais e podemos assumir que parte do que está sendo representado pode refletir, em certa medida, uma “verdade” parcial, a partir de generalizações, mas que talvez tenha tido validade em algum momento, em algum ambiente ou em alguma situação específica. Talvez essa representação seja cristalizada por um longo período, mas os elementos que a sustentam podem se dissipar na medida em que provoquem questionamentos sobre certas “verdades”, que se tornam especialmente problemáticas do ponto de vista social quando associam atributos pejorativos a pessoas ou comunidades (PESSOA, 2018, p. 63).

A produção semiótica de uma sociedade, que pode ser materializada em produtos diversos e, obviamente, os ambientes digitais, são um componente importante para a circulação e/ou para a desmistificação dos estereótipos. Pessoa (2018), em coleta de um corpus sui generis em ambientes digitais, encontrou diversas pistas, tais como a música *Jodeci Freestyle* produzida em parceria por dois *rappers*, que refletem sobre o preconceito e os estereótipos que ainda circulam sobre autismo. A letra da canção recorreu ao uso de *retardado* e *autista* na mesma estrofe, para se referir aos supostos desafetos dos autores.

Em 1912, o psiquiatra suíço Eugen Bleuler cunhou a palavra “autismo” em associação a um estado em que o pensamento ficaria distanciado da lógica e da realidade. Em 1943, o psiquiatra austríaco Leo Kanner recorreu a “autismo” para sublinhar a solidão extrema de crianças estudadas por ele apoiando-se na crença de que este estado era instigado pela ausência genuína de afeto materno (SOLOMON, 2013). O termo “autismo” está dicionarizado, no seguinte sentido: “Polarização privilegiada do mundo dos pensamentos, das representações e sentimentos pessoais, com perda, em maior ou menor grau da relação com os dados e as exigências do mundo circundante” (HOUISS, 2009, p. 223). Nas práticas cotidianas é, por diversas vezes, associado a alguém que vive em seu próprio mundo, distante daquele que seria considerado um mundo “real” das pessoas neurotípicas.

É de 1944 um estudo de caso do pediatra austríaco Hans Asperger, que destaca a potência da criatividade, do gosto artístico e *insights* além da idade cronológica dos pacientes. No entanto, ele apostava na “aflição de pessoas de alta classe média que pressionavam os filhos e depois se retraíam quando eles as decepcionavam (SOLOMON, 2013, p. 276). Em 2018, uma reportagem da agência de notícias *Reuters* divulgou nas redes sociais digitais estudo do historiador médico Herwig Czech publicado no periódico científico *Molecular Autism*. Czech (2018) afirma que Asperger teria “se acomodado” ao regime nazista encaminhando várias crianças com deficiências graves à clínica *Am Spiegelgrund*, em Viena. Cerca de 800 pessoas teriam sido vitimadas pelo nazismo configurando atrocidades como o uso de injeções letais ou de gás. De tão controverso, o tema mereceu atenção dos editores do periódico. Baron-Cohen, Klin, Silberman & Buxbaum (2018) assinaram um editorial especial no qual destacam a importância do minucioso estudo e seus impactos sociais além de garantirem apoio e confiança às revelações de Czech.

Introvertendo afecções

Introvertendo teve início em 11 de maio de 2018 e se apresenta, como diz o seu *slogan*, como um espaço multimídia onde autistas conversam. Até outubro de 2019, circularam mais de 70 episódios nos quais se revezam oito jovens diagnosticados com a Síndrome de Asperger, sendo seis homens e duas mulheres.

Os episódios são veiculados uma vez por semana e a centralidade da produção está nos aspectos da vida cotidiana desses jovens, que se responsabilizam pela gestão e por todo o processo de produção, realizando gravações pessoalmente, que são gerenciadas pelos próprios membros do *podcast*. A distribuição do *podcast* se dá em canal no *YouTube*, no qual os episódios são disponibilizados em duas versões, isto é, aquela sem recursos de acessibilidade e uma segunda opção sem músicas de fundo, voltada para indivíduos com sensibilidade auditiva, que estão marcados pela *tag* sem *background*.

A origem do *Introvertendo* está relacionada a um grupo terapêutico do programa da Universidade Federal de Goiás (UFG), o Saudavelmente, – e de uma produção laboratorial em Jornalismo. Atualmente, o *podcast* conta com a participação de jovens de outros estados brasileiros, sem a pretensão de falar em nome dos autistas, mas com o propósito de compartilhar ideias sobre o autismo:

Acreditamos que sermos autistas e falarmos de nós para o mundo seja bastante relevante para que as pessoas conheçam um pouco deste universo complexo e multifacetado chamado autismo. Ao mesmo tempo, precisamos reafirmar que não temos a intenção de falar pela ‘classe’ de autistas como um todo. Mas a partir dos nossos episódios vocês conhecerão um pouco do que somos (INTROVERTENDO, 2019).

²“[...] they’re also the stuff that seemingly intimate lives are made of”

Ruídos estridentes intercalados com calmos sons instrumentais dão o tom da vinheta de abertura do primeiro episódio de *Introvertendo*. O áudio límpido, algumas vezes interrompido abruptamente, pode gerar reações instantâneas diversas à sua audiência, antes mesmo que qualquer conteúdo seja pautado pelos locutores do *podcast*. Diz-se, então, de afetos. Segundo Stewart (2007), trata-se daquilo que tem potência, mas que ainda não carrega significado, “[...] também são coisas das quais aparentemente vidas íntimas são feitas” (p. 2, tradução nossa)². São impressões que chegam aos corpos e mentes como ondas, tais quais aquelas da produção radiofônica. A elaboração das significações são um momento posterior, de um movimento que parte do sensível e caminha para o inteligível. Nessas linhas de potencial, as de transição entre aquilo que atinge corpos e mentes para o ato reflexivo, reside de modo dinâmico uma ampla articulação de afetos entendida enquanto circuitos.

Desde que se fala a respeito de uma “virada afetiva” das ciências humanas, resgata-se Spinoza que, já no século XVII, teorizava a respeito de uma ética do encontro com o outro, o não apagamento do corpo perante a mente. Aliás, há nas ideias do filósofo (2009) uma unidade entre razão e sensibilidade, consideradas em uníssono na reflexão acerca daquilo que é coletivo e também singular. Safatle (2015), pensando acerca da circulação de afetos, dirá que as afecções são motivadoras de uma certa aderência social, já que elas “muito mais do que a lei” (p. 15) são responsáveis por reunir os sujeitos em coletivos. Tem-se, desse modo, posto o convite para que atenção seja dada ao sensível, em detrimento da rigidez do normativo, em um pensar a respeito daquilo que constitui a sociedade, mas também reúne sujeitos nos mais diversos grupos, cada qual com suas experiências peculiares. “Devemos ter sempre em mente que formas de vida determinadas se fundamentam em afetos específicos, ou seja, elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento definindo, com isso, o campo dos possíveis” (SAFATLE, 2015, p. 17).

O normativo é, também, afetivo. E precisa da rotineira e repetitiva circulação dos mesmos afetos para continuar existindo e pautando valores. Em conformidade com um universo sócio-discursivo a respeito da deficiência, nesse caso a Síndrome de Asperger, percebem-se circuitos que dizem de estereótipos acerca dessa condição. Essa é uma forma da redução do horizonte de possibilidades da tessitura de narrativas a uma série de textos limitadores da experiência do sensível. Em uma página do website do *podcast Introvertendo*, são apresentados uma sequência de mitos relacionados aos “aspies” destacadas abaixo:

- *Aspies não tem empatia: A noção de empatia é muito complexa. No caso dos aspies, ela pode se manifestar de forma extrema. Em certos aspectos, por exemplo, um excesso de empatia, a ponto de sofrer emocionalmente por outras pessoas, embora em outros há a dificuldade em demonstrá-la;*

- *Aspies são gênios: Não. Há uma correlação, sim, entre parte da comunidade aspie com o diagnóstico de Altas Habilidades e Superdotação, mas ser aspie não significa, necessariamente, ter um QI elevado. A mania de se ultraespecializar em um tema e atenção aos detalhes, muitas vezes, podem camuflar uma inteligência dentro da média;*

- *Aspies são bons em ciências exatas: Aspies são bons em suas áreas de interesse, que podem ser ciências em geral, mas também pode ser humanidades;*

Maioria dos aspies são assexuais: A sexualidade nos aspies segue a mesma proporção da população em geral. Ou seja, você pode conhecer aspies heterossexuais, bissexuais, homossexuais, assexuais, e de outros tipos de orientações sexuais.

- *Aspies famosos: Desconfie de alguns casos de “autistas famosos” sem que a própria pessoa tenha admitido isso, como normalmente falam do argentino Lionel Messi, Tim Burton e de Bill Gates. São especulações, apenas, apesar de algumas fazerem bastante sentido (como Isaac Newton, por exemplo). Quando se referir a autistas famosos, é melhor citar casos confirmados pelo próprio indivíduo, como o ator Anthony Hopkins, o ex-tenista Marcelo Ríos, o cantor de rock Craig Nicholls e a funkeira MC Beth. São indivíduos com atividades distintas e dão uma visão muito boa do quão diferentes pessoas com o mesmo diagnóstico podem ser (INTROVERTENDO, 2019).*

Se, por um lado, aquilo que pode ser normalizador e um entrave às possibilidades de novas experiências e olhares a respeito dos “aspies” tem fundamento afetivo e coloca continuamente afetos negativos em circulação, por outro, há um aceno ao movimento oposto por parte dos produtores do *Introvertendo*. A produção de conteúdo radiofônico pelos próprios sujeitos da experiência do Asperger não só responde a uma interpelação – como no caso de se explicar tópico a tópico o porquê de serem os estereótipos refutáveis –, mas oferece a oportunidade de uma circulação outra de afecções, capazes de surpreender aqueles acostumados com as narrativas redutoras acerca da deficiência e de ofertar caminhos de hospitalidade e novas significações. Aí reside a potencialidade do *podcast* do qual falamos, que procura introverter novas produções de sentido.

Alguns elementos do primeiro episódio de *Introvertendo*³, intitulado *Diagnóstico de Síndrome de Asperger*, podem ser tidos como exemplos do movimento ambíguo de refutar imagens socialmente construídas e, ao mesmo tempo, favorecer a formação de novos circuitos de afetos. A “genialidade”, apontada como um atributo genérico dos “aspies”, é discutida sob os vieses particulares dos narradores – cinco no total. Experiências singulares são partilhadas em constante atrito a um senso generalizador que tende a somar os sujeitos com Síndrome de Asperger sob o único selo do “gênio”. No episódio do qual falamos, diferentes perspectivas são tratadas e tensionadas a depender daquilo que é narrado. Embora haja um grupo formado, nenhuma das experiências é exatamente igual, aliás, isso é claramente verbalizado: “Você nunca vai encontrar duas pessoas que são ‘aspies’ e são exatamente iguais”.

Estão, a seguir, os sentidos atribuídos ao termo “introvertido”, cujo o gerúndio, não por acaso, dá título ao *podcast* sobre o qual tratamos. Na segunda definição do *Michaelis Online Dicionário da Língua Portuguesa*, introvertido é “[...] aquele que apresenta poucas respostas ao mundo exterior”. A dicionarização do termo nos diz, então, que tratamos de um indivíduo incapaz, ou parcialmente incapaz, de reagir aos estímulos que partem daquilo que lhe é exterior. Talvez, a primeira significação nos seja ainda mais provocadora: “que ou aquele que tem interesses voltados para os próprios pensamentos e experiências”. Os produtores do *Introvertendo* não só comunicam sobre aquilo que não lhes é indiferente, os afetos que atravessam os seus corpos diariamente – contrariando a expectativa do dicionário –, como são os sujeitos das suas próprias reflexões nas produções que realizam – neste caso, quem sabe, reafirmando a significação catalogada do termo.

No episódio 69 de *Introvertendo*⁴, antes mesmo da marca dos cinco primeiros minutos, Tiago Abreu anuncia: “[...] hoje a gente não tá com episódio só

³Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nVjwcw4KOMM>. Acesso em: 28 out. 2019.

⁴Disponível em: <https://www.introvertendo.com.br/podcast/introvertendo-69-amizade/>. Acesso em: 28 out. 2019.

de autista, estamos com conteúdo especial”. O episódio tem por título *Amizade* e conta com a participação de três amigos do narrador. Aliás, cabe lembrar que um dos mitos refutados pela equipe do *podcast* é o da falta de empatia por parte das pessoas com a Síndrome de Asperger e, conseqüentemente, a impossibilidade do estabelecimento de vínculos afetivos. Tiago, ao lembrar-se do fato de seus amigos serem pessoas sem deficiência, cunha a expressão “especial”, curiosamente a mesma que, conforme nos lembra Sasaki (2003), foi popularizada na década de 1990 em referência às pessoas com algum tipo de deficiência. O autor nos diz que “especiais”, “pessoas com necessidades especiais” ou “portadores de necessidades especiais” são expressões bastantes genéricas e, portanto, insuficientes no tratamento do indivíduo com deficiência. Especial, no caso do episódio citado, é a relevância da vivência em grupo, das possibilidades de acesso às relações e do estar com o outro, ainda que exista o marcador da diferença. Falamos de acessibilidade afetiva que, segundo Pessoa (2019),

[...] diz respeito às relações cotidianas de encontros nos quais a comunicação, por meio de todas as possibilidades de estar com o outro, se faz presente, sem restrições. A comunicação marcada pela presença e pela ausência. A comunicação interpessoal como experiência sem limites, a não ser aqueles acordados pelos próprios sujeitos. A comunicação na qual o corpo se faz centro de ação e de interesse. A comunicação em sentimentos e em afetações, com acessibilidades possíveis entre os sujeitos diferentes. Tendo a entender como os diferentes, na falta de palavra mais adequada, aquelas ou aqueles que são percebidos pelos outros como sujeitos fora dos padrões de normalidade constituídos socialmente a partir de um conjunto de experiências cotidianas influenciadas por suas redes de relações, imaginários sociodiscursivos, tecnologias e relações de poder. Esses padrões nada mais são do que expectativas sobre o ser e o estar no mundo (PESSOA, 2019, p. 26).

Se nos atentarmos pela centralização dos afetos no debate, talvez estejamos na busca de outros horizontes. *Introvertendo* nos provoca o olhar para a questão da representatividade – pessoas com deficiência produzindo conteúdo sobre si próprias e oferecendo a possibilidade da formação de outros circuitos –, mas também a respeito do quão acessíveis são os espaços discursivos e as oportunidades de contato. O *podcast* nos atenta para quão especiais podem ser as relações com as outridades sem, necessariamente, corresponder de modo automático o “diferente” ao “especial”, aquele que cotidianamente sofre com as privações afetivas.

Apontamentos para refletir...

Desmistificar estereótipos que circulam socialmente não é tarefa fácil para a maioria das pessoas em situação de vulnerabilidade. Ao longo dos anos, como apontamos, grupos sociais que experimentam modos de vida fugidios às normas padrões co-construídas estão em um lugar de desconforto, na ausência de melhor sintagma, tendo as suas existências expostas e questionadas em perspectivas que, em sua maioria, garantem uma visibilidade de afecção negativa e contraditória no que diz respeito às suas próprias convicções. Se as experiências são atravessadas por uma série de afetos que tensionam ainda mais a vida cotidiana, pessoas comuns se propõem a deslocar a visibilidade dada a elas para perspectivas gestadas por elas mesmas.

Se, por um lado, a comunicação verbal e a experiência social são pontos supostamente pacíficos nas definições médicas e dicionarizadas para aqueles que se encontram no espectro autista, em especial, os “aspies”, por outro, elas são também propulsoras para que pelo menos parte destas pessoas consiga acessar outras sob os seus próprios pontos de vistas. Os “aspies” do *Introvertendo* não aceitam o antiquado jargão comum nas produções midiáticas que diz ser necessário dar voz a determinados grupos para que sejam incluídos. Eles reivindicam a propriedade de sua própria voz, escolhem as temáticas e as problemáticas sobre as quais querem tratar, imprimem questionamentos e se dão a ver e a serem escutados em conversas espontâneas, que desafiam os limites comunicacionais que

os impediriam de se projetarem para o público que escuta o *podcast*. Reforçam o autismo como diverso e identitário.

O *podcast* opera, assim, como um agregador de circuito de afetos por pelo menos três dimensões possíveis. A primeira delas, por vincular a produção com a deficiência, nem que seja para negá-la ao não assumir a sua definição prevista em lei, para descortinar, a partir dos próprios “aspies”, tabus como a socialização e a sexualidade, por exemplo, e para redimensionar a capacidade de assumir reflexões que se impõem mais como necessárias do que desejáveis para que os “aspies” adultos encontrem acolhida em suas especificidades. É ainda operador de circuito de afetos no que tange aos arranjos comunicacionais para que outras pessoas com Síndrome de Asperger e/ou sensibilidade auditiva possam escutar o *podcast*, retirando efeitos sonoros que os incomodem. E, em uma terceira dimensão, opera como agregador ao conseguir um ajuntamento de pessoas que compartilham experiências, ora agradáveis, ora nem tanto, no mundo cotidiano, para dar ao outro a chance de ouvi-las.

A produção em áudio aqui seria um resgate, em dimensão afetiva, do que os impacta em suas relações cotidianas. Parece-nos que é preciso falar por si para dizer além do que falam sobre eles. Por meio da voz, a partir da qual estabelecemos vínculos ou nos permitimos estar com o outro, é possível promover encontros entre os supostamente iguais, isto é, pessoas que compõem grupos com singularidades que se aproximam, mas também com os diferentes, não os “aspies”, mas os demais, que enfrentam dificuldades para entender o universo de quem não pode ser percebido a partir de percepções generalizadas. São eles que nos afetam para a compreensão desta visibilidade engajada e almejada.

Referências

AMOSSY, R. (org). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2011.

AUTISMO, asperger, solitários e personalidade esquizóide (o que não é introversão II). **Introversão**, [S. l.], [2019?]. Disponível em: <https://www.introvertidamente.com/autismo-reclusos-e-personalidade-esquizoide/>. Acesso em: 28 out. 2019.

BARTHES, R. **O óbvio e o abuso: Ensaios críticos III**. Tradução de Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União. Brasília, DF: Presidência da república. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm. Acesso em: 28 out. 2019.

CZECH, H. Hans Asperger, National Socialism, and “race hygiene” in Nazi-era. **Molecular Autism**, [S. l.], v. 9, 2018. Disponível em: <https://molecularautism.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13229-018-0208-6>. Acesso em: 28 out. 2019.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INTROVERTENDO. **Introversão**: um *podcast* onde autistas conversam. Página inicial. Disponível em: <https://www.Introversão.com.br/>. Acesso em: 28 out. 2019.

- KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. v. 1. 152p.
- KLIN, A; BUXBAUM, J. D.; BARON-COHEN, S. Did Hans Asperger actively assist the Nazi euthanasia program?. **Molecular Autism**, [S. l.], v. 9, 2018. Disponível em: <https://molecularautism.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13229-018-0209-5>. Acesso em: 28 out. 2019.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Educ, 2002.
- MAINGUENEAU, D. **Les termes clés de l'analyse du discours**. Paris: Éditions du Seuil, 2009.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MÉDICO austríaco que batizou Asperger "cooperou ativamente" com nazistas, aponta estudo. **Reuters**, Viena, 19 abr. 2018. Disponível em: <https://br.reuters.com/article/topNews/idBRKBN1HQ1SU-OBRTTP>. Acesso em: 28 out. 2019.
- MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; MORICEAU, Jean-Luc. Afetos e experiência estética: uma abordagem possível. In: CARDOSO FILHO; DUARTE; MENDONÇA. **Comunicação e sensibilidade: pistas metodológicas**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2018. p. 78-98.
- MOBILON NETWORKS. **Tecnoblog: tecnologia que interessa**, c2018. Página inicial. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/>>. Acesso em: 20 de jun. de 2018.
- PÉREZ, María Pilar Martínez-Costa Pérez; GÁRATE Eva Lus. El éxito de los podcasts de noticias y su impacto en los medios de comunicación digital. **Miguel Hernández Communication Journal**, Universidad Miguel Hernández, UMH (Elche-Alicante), nº10 (2), p. 323 a 340, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21134/mhcj.v10i0.314>. Acesso em: 28 out. 2019.
- PESSOA, S. C. Corpos com deficiência: movimentos de experiências e afetações por uma acessibilidade afetiva. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas (Org.). **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019.
- PESSOA, S. C. **Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência: experiências e partilhas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- PESSOA, S. C. Metáforas em ondas sonoras. In: VIII COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE A ESCOLA LATINO-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO, 2004, São Bernardo do Campo. **Anais**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-sonia-metáforas-ondas-sonoras.pdf>. Acesso em: 28 out. 2019.
- PODCAST. In: **OXFORD Reference**. Oxônia: Oxford University Press, 2019. Disponível em: <https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803100332964>. Acesso em: 28 out. 2019.

QUATRO em cada dez internautas já ouviram *podcast* no Brasil. Pesquisa inédita do Ibope foi divulgada neste sábado na Maratona Piauí CBN de *Podcast*. **Piauí**, São Paulo, 11 mai. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/quatro-em-cada-dez-internautas-ja-ouviram-podcast-no-brasil/>. Acesso em: 28 out. 2019.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SASSAKI, Romeu K. **Vida independente**: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos; reabilitação, emprego e terminologia. São Paulo: RNR, 2003.

SOLOMON, A. **Longe da árvore**: pais, filhos e a busca de identidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SPINOZA, B. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. São Paulo: Autêntica, 2009.

STEWART, K. **Ordinary Affects**. Durham, NC: Duke University Press, 2007.

VOLT DATA LAB. **Estatísticas e dados do segmento de podcasts no Brasil em 2019**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.voltdata.info/conteudo/2019/estatisticas-de-podcasts>. Acesso em: 28 out. 2019.